

A parte maldita e o lado escuro da TV brasileira*

RESUMO

Após a aula inaugural, intitulada *Imaginário da Violência na Comunicação*, proferida na PUC-RS em abril de 2004, o professor francês Philippe Joron nos presenteou com seus conhecimentos sociológicos e antropológicos em uma entrevista instigadora e reveladora sobre as várias faces da violência. Joron nos fala sobre a parte maldita e o lado escuro da TV brasileira, as diferentes facetas da violência midiática, onde ela está e como se esconde.

ABSTRACT

Soon after our inaugural class, entitled *Imaginary of Violence in the Communication*, held at PUC-RS on April, 2004, French professor Philippe Joron presented us his sociological and anthropological views in an instigating and revealing interview about the various sides of violence. Professor Joron told us about the damned and the dark side of Brazilian television, the different faces of violence, where it is, and how it hides.

PALAVRAS-CHAVE (KEY WORDS)

- Violência (*Violence*)
- Comunicação (*Communication*)
- Mídia (*Media*)
- Sociologia (*Sociology*)

Philippe Joron

Université Paul Valéry - Montpellier III - França

SOCIÓLOGO DE FORMAÇÃO, doutor em antropologia social comparada pela Universidade de Sorbonne - Paris V, defendeu tese baseada no escritor francês Georges Bataille, a quem ele considera que, mesmo sem ser sociólogo ou antropólogo, tinha muito a ensinar com seus escritos e poemas. Um mês depois de terminar seu doutorado, mudou-se para Recife como professor convidado para trabalhar durante dois anos junto ao curso de pós-graduação em antropologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Depois de Recife, o professor Joron seguiu para Maceió, onde trabalhou na Universidade Federal de Alagoas. Voltou para a França em 1998 para lecionar na Universidade Paul Valéry, em Montpellier, onde atualmente é Coordenador Editorial da revista *Cahier du Imaginaire*. Durante sua estada no Brasil, além de aprimorar o português, Joron estudou as religiões afro-brasileiras no Nordeste brasileiro, como o candomblé e o xangô, e a violência midiática.

O trabalho de Philippe Joron, segundo sua própria classificação, é de perspectiva transdisciplinar, já que envolve sociologia, antropologia, psicologia, história, filosofia e comunicação, e tudo que tenha um objetivo a ser aproveitado. Este trabalho é desenvolvido dentro da sociologia compreensiva.

Revista FAMECOS - Qual foi o ponto inicial que lhe fez se interessar pela questão da violência?

Philippe Joron - Estou me interessando há alguns anos sobre esta temática, violência e mídia. Esta questão da violência começou a surgir na Europa, principalmente na França, lugar que eu conheço melhor, nos meados dos anos 90 do século passado, quando começou a haver um debate sobre a res-

surgência da violência. E a questão era saber como fazer, em nível político e em nível jurídico, para tentar parar esse renascimento da violência social. Sempre pensando que a violência depende das normas de compreensão que se tem. Aqui essas formas são diferentes das que se tem na França, por exemplo.

Em 2001, quando começou o período eleitoral para a presidência na França, começou-se a falar muito nos veículos de comunicação sobre a preocupação dos franceses com a questão da violência. Na verdade se falou muito disso até que se pôde pensar que houve uma grande influência da mídia, embora seja difícil quantificar sobre os resultados das eleições presidenciais. No primeiro turno se pensava que haveria um confronto entre o atual presidente, Jacques Chirac, representante da direita, e o então primeiro-ministro, Lionel Jospin, representante da esquerda. No final do primeiro turno surgiu um fato novo, pois o representante da esquerda, Jospin, foi eliminado, deixando então dois representantes da direita no segundo turno: Chirac e Jean Marie Le-Pen, “nosso orgulho nacional”, da extrema direita. Essa situação levou muita gente às ruas fazendo manifestações, para que não se votasse em Le-Pen. Como resultado disso tudo, Chirac foi reeleito. Todos os partidos, principalmente os de esquerda, se viram quase que na obrigação de que Jacques Chirac ganhasse a eleição, mesmo com uma grande dor no coração pelo fato de votar numa pessoa de direita, no dito inimigo político. Tudo isso para evitar que a extrema direita chegasse ao poder. Com esse episódio, eu comecei a me interessar pelo surgimento da violência e o tratamento da violência dado pela mídia na França.

Tenho que salientar que a questão da violência não é um conceito meramente sociológico. É uma temática que sempre foi estudada e colocada em pauta dentro do discurso sociológico e da disciplina antropológica. Desde o início, os fundadores da sociologia, e eu falo tanto dos representantes da sociologia francesa quanto alemã,

como Max Weber e Emile Durkheim, lá pelos meados do século XIX, já se interessavam pela questão da organização social. Como fazer para organizar a sociedade e para que a sociedade não caísse no desregramento social.

Eu já vinha me interessando pelo tema violência na mídia. Como eu já havia visto alguns programas brasileiros, e com a minha vinda ao Brasil, passei então a estudar como a mídia brasileira visualiza a violência, como ela trata a violência. O meu interesse é pela violência apresentada ou representada. Assim que eu cheguei passei a assistir a programas nacionais e também locais, do Nordeste, onde estava morando. Eu realmente não tinha idéia da quantidade de programas que aqui no Brasil são chamados de jornalismo policial. A quantidade que se encontrava dentro do espaço audiovisual brasileiro me deixou surpreso e impressionado pela maneira como o jornalismo policial utiliza, transforma e até teatraliza essa violência, que a gente pode chamar também de tragédia social em alguns casos. Eu não sou um pesquisador que vai descobrir, desvendar algum mistério sobre a realidade brasileira. Eu considero, e sempre considere, que são os brasileiros que entendem melhor a realidade deles. Mesmo quando, por exemplo, eu fui a campo para estudar as religiões afro-brasileiras, como o candomblé e o xangô em Pernambuco, e eu ia quase toda a semana, durante um ano, ao que eles chamam de “terreiros”. Nunca me dei o direito de pensar que eu poderia desvendar essa realidade que pode ser considerada escondida. Então eu não vou dar respostas em relação a essas questões sobre o tema da violência no Brasil. Eu vou principalmente fazer perguntas, porque você sabe que a ciência, e a gente pode considerar a sociologia como ciência, avança a partir de perguntas e às vezes de respostas. Mas essas respostas quase sempre precisam de perguntas.

RF - O que pode ser considerado como violência?

Joron - A gente fala de violência como uma palavra no singular, mas na verdade atrás desse conceito de violência existe uma realidade que é plural. Essa questão da violência sempre interessou ao lado político, a psicologia. E ela foi também tratada do ponto de vista científico pelas ciências naturais, como a biologia e a medicina, que sempre se ocupou e tentou entender algumas disfunções psicológicas de pessoas violentas.

Mas esse tratamento pode ser feito também, não estou dizendo que é uma reivindicação, de um ponto de vista socioantropológico, porque dentro da violência existe o eixo do encontro com o outro e aí pode ser até paradoxal ou contraditório, mas dentro de uma referência do paradigma sociológico.

Georg Simmel, sociólogo e filósofo alemão do final do século passado, que trabalhou sobre a questão do conflito, encarava a questão do conflito dentro de uma perspectiva de associação. Quer dizer que para ele a relação conflitual com o outro, quer seja entre dois indivíduos ou entre dois grupos de indivíduos, sempre tinha o lado positivo dentro dessa noção de conflito interindividual ou intergrupar. Essa perspectiva de Simmel se encaixa dentro da compreensão da interação social. Dentro dessa mesma perspectiva, a história das sociedades, qualquer que seja, estou generalizando, claro, pode ser entendida como uma edificação política violenta contra as obras da violência em si mesmo.

A história da sociedade pode ser entendida como uma busca permanente da segurança pública. Isso quer dizer que os grupos sociais sempre tentaram se proteger de outros grupos sociais ou de se proteger da violência dos elementos naturais. Dentro desse paradigma, a concepção de Max Weber, filósofo e sociólogo alemão que trabalhou com a lógica da dominação, sobre a burocratização e sobre o que ele chamava de desencantamento do mundo, dizia que o Estado seria o monopólio legal da violên-

cia legítima. De uma certa forma, a gente tem em Sigmund Freud uma confirmação do que Weber dizia. Freud dizia que o Estado proíbe o indivíduo à utilização, o uso da violência. E por que o Estado proíbe o uso desta violência? Porque ele realmente quer o monopólio desta violência. Assim como ele quer, por exemplo, ainda citando Freud, o monopólio do álcool e do tabaco. Quando eu digo que na história das sociedades sempre teve esse recurso à violência para tentar legitimar uma organização social ou para tentar legitimar um tipo de dominação social, eu estou dizendo que esta perspectiva existe tanto para as sociedades consideradas tecnicamente organizadas quanto para as sociedades ditas tradicionais.

A violência pode ser considerada como sendo ao mesmo tempo negação e afirmação. Isso quer dizer que a gente, e eu falo não só em nível individual, mas pode ser uma instituição ou uma organização política, solicita a violência para negar a ordem, para negar um certo estado social. É o caso das revoluções. Mas ela serve também para afirmar, para manter uma certa ordem social. É o caso do Estado que vai utilizar o que pode, as possibilidades que tiver para utilizar a violência e manter uma certa ordem. Aí existe este paradoxo, para limitar a violência nós utilizamos a violência, ou por meios infra-estruturais ou por meios superestruturais, para tentar parar essa outra violência, a qual Michel Maffesoli chama de violência fundadora.

Voltando à psicologia de Freud, ele dizia que a humanidade se livrou de uma parte de felicidade para tentar ganhar, tentar resgatar uma parte de segurança. Ela deixou de ser inteiramente feliz para tentar se sentir mais segura e resgatar a sua integridade. Isso quer dizer que para buscar de novo um pouco de felicidade, alguns de nós, por classe socioeconômica, por exemplo, tentamos compartimentalizar a nossa vida com relação aos outros.

Um exemplo disso são os bairros de classe média e seus condomínios fechados.

As favelas, que de certo modo também são fechadas, porque é difícil entrar. E se conseguir entrar, difícil é sair. Existe assim uma compartimentalização da vida social e através dela se tenta resgatar um pouco de felicidade.

Tentando compreender um pouco este conceito de violência, ela é um tipo de nebulosa conceptual, que quer dizer muita coisa e, ao mesmo tempo, não está dizendo quase nada. Atrás da palavra, atrás da noção existe uma realidade que é muito mais complicada do que a gente imagina.

Um conceito-chave utilizado pela sociologia, que pode ser considerado como um conceito sociológico, mas é sobretudo um conceito social, então eu estou fazendo esta distinção entre sociológico e social na medida em que é uma palavra, um conceito, uma noção, que é utilizado tanto pelos sociólogos, profissionais da comunicação, filósofos, mas utilizado também pelo o que a fenomenologia social chama de “o homem do cotidiano”. Todos nós fazemos referência a esse conceito de violência. Segundo a etimologia latina, a violência significa o uso da força. Então a violência pode ser entendida como uma força, que pode ser individual ou coletiva, que pode ser também física ou psicológica, natural ou cultural, justificada ou não.

Uma força que a gente usa, ou que é usada para expressar um estado, ou então que é utilizada para satisfazer uma necessidade imediata, ou que é utilizada também para modificar uma situação, que é julgada como se fosse intolerável, que é utilizada também para manter uma ordem social julgada satisfatória. A utilização dessa violência pode ser considerada de várias maneiras, dependendo do contexto sociocultural. Isso quer dizer que a violência só pode ser entendida dentro de uma configuração normativa.

A apreensão filosófica da violência pode variar em função da ética que está à disposição de um determinado grupo social. A violência é um conceito social deste ponto de vista. Do ponto de vista sociológi-

co, é uma noção extremamente importante, pois ela pode ser considerada como um revelador eficaz e útil dos nossos modos de ser em sociedade e de compreensão do mundo. Claro que a compreensão desta nebulosa conceptual, que é a violência, pode ser feita segundo várias perspectivas, como a jurídica, por exemplo, que vai considerar se um ato é violento ou considerado legal, como é o ato cirúrgico. O uso de remédios é um ato de violência, mas que está enquadrado dentro de uma certa legalidade. Que é autorizada.

A sociologia entende a violência a partir da perspectiva da exclusão social, o que quer dizer que, segundo esta perspectiva, ela é um revelador dos nossos modos de colocar fora do campo social alguns grupos ou indivíduos determinados. A violência é uma maneira de mostrar essa exclusão social. Isso quer dizer que o outro será tratado como um ser estranho e excluído.

RF - Quais são os tipos de violência que se sofre?

Joron - Do ponto de vista sociológico, se pode distinguir violência privada e violência coletiva. Esses dois tipos de violência têm na verdade repercussões morais muito diferentes. A violência coletiva ou a violência entre dois Estados, duas Nações, por exemplo. A violência entre dois grupos, duas classes sociais, a violência dos dominantes contra os dominados e o inverso. Essa violência coletiva é muitas vezes considerada como um mal necessário dentro do paradigma sociológico e antropológico. Considerada como uma dor ou um sofrimento que não pode ser evitado, mas que teria que se passar por essa dor e sofrimento para poder mudar a vida social, para poder mudar esse mundo. A violência coletiva pode ser usada inclusive para chamar a atenção do Estado sobre as disfunções econômicas, políticas, culturais, etc. Então, deste ponto de vista, a violência seria um acelerador da mudança social, um tipo de

catalisador da mudança social. Na mesma perspectiva, mas de um ponto de vista político bastante diferente, vocês encontram em várias análises de sociólogos, antropólogos e filósofos que dizem que só através da legitimação da violência coletiva se poderia acabar com a decadência burguesa para que isso servisse aos interesses da civilização. Para resumir, a violência coletiva é considerada um mal necessário que permite a mudança social que permitiria a regeneração do hiato social, a regeneração da sociedade.

Por outro lado, a violência privada, ou a violência interindividual, é denunciada moralmente com mais facilidade porque ela é pouco concebível moralmente, já que é considerada como uma intrusa dentro da nossa própria carne. Um exemplo. Durante as guerras do Golfo, Kuwait e agora Iraque, com as forças da coalizão, a televisão mostrou, e todo mundo viu, os ataques dos aviões americanos contra o exército iraquiano, o que se chamou na época de uma guerra “cirúrgica”. Este pode ser considerado um tipo de violência coletiva, porque é um grupo contra outro, mas é um tipo de violência que também pode ser considerado quase como virtual. Era muito difícil para o telespectador, o receptor, colocar uma realidade possível atrás das imagens que eram divulgadas. Ao contrário, neste tipo de guerra, com a ocupação do Iraque pelas forças aliadas (que a França está por fora e eu tenho muito orgulho disto!), a mídia mostra imagens da violência que são muito mais próximas, pois ela mostra corpos, soldados ou civis atingidos fisicamente e, claro, moralmente por essa guerra. Mostra os dois lados. Italianos, ingleses, iraquianos, e americanos. Mortos e feridos. Então é uma violência que pode ser encarada como se fosse uma violência mais individual, porque a gente pode sentir e se colocar no lugar das pessoas que são feridas e atingidas de alguma maneira, como no caso dos seqüestros a estrangeiros. Aí entramos num tipo de violência mais psicológica.

Eu li o livro do Muniz Sodré, *Socieda-*

de, Mídia e Violência, publicado pela editora da PUC-RS, em que ele propõe uma tipologia da violência abordando principalmente a violência anômica, aquela violência que se encontra no dia-a-dia, que é mostrada justamente por estes programas de jornalismo policial, assaltos, seqüestros-relâmpagos, etc. Isso seria então, dentro do paradigma sociológico, como sendo uma violência anômica. Sodré fala também da violência representada, ou seja, a violência que é divulgada pela mídia. Estes tipos de violência não são hermeticamente fechados. Ele fala também da violência sociocultural, que é mais uma violência onde você encontra a violência estática, burocrática, a violência jurídica e a política. Isso seria mais uma subviolência da violência cultural.

RF - Qual o conceito de normalização da violência?

Joron - Normalização é o fato de você aceitar que a violência faça parte de seu ambiente, de seu meio ambiente, da sua topografia mental e física. É o fato de que a violência se torna uma norma social. Isso é diferente da violência em ato e da violência enquanto Estado. Diferente é o fato de pensar que existe uma violência fundadora, uma violência que existe em cada um de nós, que é uma violência em potencial e essa violência é individual, mas é também coletiva. E ela tem que ser suportada e assumida em comum e ser domesticada da melhor maneira possível. Aí não é mais uma normalização da violência, mas eu diria que neste ponto eu concordo com Emile Durkheim quando ele diz que a violência, ou pelo menos a anomia, o desregulamento das normas sociais, faz parte da vida social. A violência, na verdade, é um fator de mudanças também, que permite que as coisas mudem como se fosse um catalisador da mudança social.

Neste aspecto a violência é uma constante variável. Alguma coisa que em certos momentos aparece e em outros desaparece.

É visível ou invisível, mas é como se sempre estivesse lá. E, em certos momentos, pode ser em momentos históricos, ou no lado individual, a violência pode surgir ou desaparecer. A gente não pode se esconder e pensar que a violência é um estado só da selvageria. Até a civilização, ou o que a gente acha que é civilização, gerencia também formas de violência. O ser humano é por si só violento. Até a vida é uma forma de violência, porque você vai julgar isso através de normas e valores que vão lhe permitir dizer o que você pode ou não fazer.

RF - Como a mídia, principalmente a eletrônica, contribui para a propagação da violência?

Joron - Com certeza a mídia é responsável pela propagação da violência, sim. Depende da mídia e dos programas. No Brasil existem alguns programas que, a meu ver, estão difundindo, estão repassando alguma informação, mas o tratamento dessa informação, a encenação dessa difusão da violência, da maneira como estão repassando a violência para o telespectador, é como se fosse um teatro em torno do assunto. Podemos dar alguns exemplos, como alguns programas locais no Nordeste em que o apresentador, sozinho no estúdio, faz brincadeiras em cima dos noticiários, onde ele apresenta uma certa reportagem e depois faz comentários moralistas, claro, mas bastante agressivos. Algumas vezes ele chega a gritar em frente às câmeras. Existem outros programas, por exemplo, sobre casais que estão com problemas de relacionamento, normalmente sobre infidelidade. Nestes programas, o apresentador incita as pessoas a gritarem e se revoltarem ao vivo. E normalmente há brigas entre eles. Esta é uma forma da mídia estar incitando a violência. Você pode entender isso como uma dramatização da violência, mas eu não sei ainda como distinguir isso. Separar isso da violência que existe no tratamento das informações no contexto audiovisual brasilei-

ro, porque em outros programas, que não tratam especificamente da violência, existe um modo de apresentar que às vezes pode se aproximar da violência, incluindo os telejornais. Nos programas de jornalismo policial, por exemplo, é muito comum eles colocarem músicas de fundo com sons trágicos. Isso já incita o telespectador à violência. É claro que não se pode chamar a grande maioria desses programas de auditório, ou de jornalismo policial, de jornalismo. É verdade que informações são dadas, mas o tratamento dessas informações é que os torna teatral e mais de entretenimento. A única coisa que eles querem é aumentar a audiência. No caso dos programas de jornalismo policial, não existe esse tipo de palhaçada que existe nos outros tipos de programa que mencionei. Eles são um pouco mais sérios, mas o que é muito interessante é que eles mostram os corpos dos mortos. Alguns, como o programa Cidade Alerta, gosta de dizer “aqui a gente não mostra sangue, temos uma ética de não mostrar isso”. Talvez estejam tentando responder algumas críticas que estão sendo feitas. Talvez a maior das críticas de mostrar a realidade crua, como ela é. Muitas vezes o apresentador do programa se coloca numa posição muito dominadora perante o entrevistado, se tornando muitas vezes agressivo.

RF - E quanto à forma do telejornalismo brasileiro. Qual a sua opinião?

Joron - Eu acho muitas vezes violento também. A forma como são apresentados os telejornais. A escolha e a maneira de conduzir as reportagens. Existe muita violência ali. Muitas vezes subliminar, mas a violência está ali.

Outra coisa que eu considero como forma de agressão, por exemplo, é a publicidade. Existem muitas inserções publicitárias entre um programa e outro e os cortes são secos, rígidos. Na França, por exemplo, os cortes publicitários, ou entre os programas, são sempre como se tivesse um bran-

co entre duas imagens. A gente passa de uma maneira mais suave de um produto a outro para fazer a distinção. Aqui no Brasil, o seu cérebro ainda está no produto que você está assistindo e, de repente, você já está entrando num outro comercial. O seu cérebro ainda nem teve tempo de fazer a distinção de uma propaganda e outra, de um produto a outro. Eu ainda nem pensei muito nisso, já que no Brasil existem excelentes profissionais, mas pode ser um fator cultural de conceber o programa ou até uma forma de reprodução das TVs americanas, muito copiadas no Brasil. E pode ser também uma maneira mais dinâmica de vender os produtos. Eu não sei explicar muito bem esse fenômeno.

Se a gente falar da questão da violência divulgada, apresentada na televisão, o Muniz Sodré também fala sobre isso no seu livro. Ele diz que nenhum estudo realizado nos Estados Unidos conseguiu comprovar a repercussão da difusão da violência na televisão. A questão é essa: apresentando a violência na televisão, com imagens violentas, será que isso vai ter uma influência no comportamento do telespectador?

Eu peguei esse exemplo porque é mais ou menos isso. É a questão do poder da mídia, do impacto dela sobre o receptor. Até agora nenhum estudo conseguiu comprovar isso. É muito mais complicado do que se imagina. Não é apenas uma mensagem de um emissor, que é transmitida a um receptor. Existe na verdade como se fosse uma contaminação da mensagem, que vai ter um desperdício da mensagem. Isso quer dizer que existe o que se chama de dissonância cognitiva, que faz com que o receptor, o telespectador, entenda o que ele quer. Vai haver um filtro nessa mensagem. Ele vai interpretar essa mensagem. Então existe uma perda, um desperdício da mensagem original, mas também vai ter um aquecimento da própria vontade ou da própria intencionalidade do receptor. Isso faz com que seja muito difícil quantificar o impacto ou a influência de uma mídia sobre a realidade. A gente pode acreditar que

o mundo, com a mídia tecnológica contemporânea, é totalmente diferente do mundo de cem anos atrás. E eu tenho certeza que, nessa mudança, a mídia teve a sua parte de responsabilidade. A mídia modificou muito o nosso pensamento e o nosso comportamento.

RF - Nós tivemos 20 anos de ditadura no país e, ainda hoje, existe censura à liberdade de imprensa por parte das grandes empresas de comunicação no Brasil. O senhor considera isso uma forma de violência ?

Joron - Com certeza isso é um tipo de violência. Eu sempre achei, e não sou o único a pensar assim, que falta profundidade nos programas da televisão brasileira, de conteúdo. Como o Fantástico por exemplo, que aparentemente tem o objetivo de educar o povo, mas do tipo “você deve agir assim”, “fazer assim,” “só dessa forma é a certa”. Eu tenho certeza que isso é também um resultado de uma certa censura. É uma concepção única, até unilateral, do que é informar. Só se pode ou só se deve informar de tal forma enquanto a televisão ou qualquer tipo de mídia for mais aberta a todos. Claro que alguns programas devem ser mais educativos que outros, porque a informação tem que se adaptar à realidade de cada lugar. Eu não quero recriminar a Globo, o SBT ou qualquer outro canal aberto. Eles parecem que têm a idéia de educar, mas educam divertindo, a educação através do entretenimento. E aí muitas matérias jornalísticas sensacionais e realmente educativas são engavetadas porque não se encaixam dentro da política dominante dessas empresas. Mas na história política do Brasil deve se rever o passado. O povo brasileiro, me parece, sempre foi considerado como uma criança que tem que se dar algumas informações, alguns bombons e algumas vezes chicotadas também. Aqui no Brasil o povo pensa o que os dominantes querem que ele pense, mas isso não é só aqui que acontece. Em outros países acontece o mesmo. Essa é uma violência

simbólica, uma falta de consideração ao ser humano, no sentido humanista. É considerar que o outro não é capaz de entender, que o outro não é capaz de compreender. É a velha prática que existe desde a época romana: dar pão quando puder e, se não tiver pão, você dá o jogo. O lúdico para ocupar o povo.

RF - Quais as grandes diferenças ou semelhanças entre a mídia brasileira e a francesa?

Joron - Eu acho que a primeira questão é a da violência. A mídia francesa é menos violenta que a brasileira. Tanto no tratamento da programação quanto no das imagens. Na França, a impressão que eu tenho nos telejornais é que as imagens não são tão repetidas como aqui e, quando elas são mostradas, num modo geral, não ficam muito tempo focalizadas na mesma imagem. Enquanto isso acontece muito aqui no Brasil, sobretudo nesses programas de jornalismo policial, que na França não existem. A realidade da violência lá é diferente, assim como a realidade sociocultural. Dificilmente se encontra nos telejornais imagens muito fortes, de corpos, sangue, esse tipo de coisa. O jornalismo francês é um jornalismo mais tranquilo se comparado ao brasileiro. O ritmo é diferente. É verdade que no Brasil a violência é mais visível, enquanto na Europa temos uma violência que se esconde mais, certamente porque a gente não quer ver, ou porque a gente não quis ver isso. De uma certa forma, a gente está vivendo ainda com a idéia de que certas coisas não existem no nosso país, como o terrorismo, os africanos que morrem tentando atravessar o Canal da Mancha para tentar uma vida melhor na Europa, a pobreza, a xenofobia, etc. E a gente está começando a se dar conta que estes problemas estão aparecendo, mas que na verdade eles já estavam lá há muito tempo. Só que nunca se fez nada para resolvê-los. Aí nós podemos entrar na distinção entre estado de violência e sentimento de insegurança. Eu

não acredito que nós na França estejamos na fase de um estado de violência, mas a gente vive um sentimento de insegurança muito grande. É como se tivéssemos uma panela fervendo e a comida começasse a sair para fora por falta de espaço. Então nós começamos a nos dar conta que podem acontecer alguns problemas. E eu nem estou falando ainda do problema do terrorismo! Realmente a gente não estava entendendo esta questão, que é uma violência invisível, que você só vê depois que aconteceu. Não é previsível, até porque ela depende de reivindicações que às vezes você pensa estar por fora delas. A mídia explicava, mas talvez fosse difícil para nós, receptores, entendermos que esses problemas fossem tão próximos de nós.

Assim como os Estados Unidos se achavam dentro dessa política imperialista, os donos do jogo mundial e não viam nada ao redor deles. No entanto foram brutalmente atacados em 11 de setembro, mesmo tendo sido avisados. Mas como nós europeus, parece que não queremos ver algumas coisas. É verdade que o nosso telejornalismo, por questões culturais, é mais leve. Informa tudo o que se passa no mundo, no Oriente, as guerras, os problemas internos, mas de uma forma diferente da brasileira, que é bem mais sensacionalista.

RF - As suas teorias partem da praxis para a teoria ou da teoria para a prática?

Joron - Elas partem da realidade, então elas partem da praxis para a teoria. Agora eu não vou negar também que eu não sou totalmente um sociólogo descritivo. Eu já fiz isso em alguns textos sobre as festas populares brasileiras. Aí eu sou bastante descritivo, mas eu tenho todo um lado teórico, e eu gosto muito de encontrar os caminhos da abstração. Claro que a minha matéria-prima é a realidade e o que eu posso perceber dela. Mas tenho que ser ao mesmo tempo audacioso e humilde em relação à realidade. Audacioso porque tenho que ir atrás

daquilo que quero e do que está acontecendo, mas, ao mesmo tempo, humilde em frente da imensidão da realidade dos acontecimentos. Às vezes você tem que baixar a cabeça e reconhecer o que você pode fazer e sobretudo o que você não pode fazer. Eu me interessei pela relação entre violência e mídia no Brasil primeiro por curiosidade. Se eu conseguir fazer alguma coisa de relativamente interessante em nível profissional sobre isso, então eu vou tentar fazer, mas eu tenho que ser humilde, porque eu não sou brasileiro. Não é a minha realidade, mas o que eu posso defender é uma visão, uma perspectiva. O que eu tenho são propostas para a interpretação dessa realidade.

RF - O que é a parte maldita?

Joron - A parte maldita é esse lado escuro da vida, essa energia que se gasta em excesso, como dizia Bataille. Ela utiliza justamente este lado escuro da vida, que pode ser a sexualidade sem finalidade de reprodução. Pode ser a festa. Pode ser a violência dentro da festa. Pode ser a violência em si. Pode ser a poesia também, quando você compara a poesia com a linguagem científica, por exemplo. A poesia não tem finalidade utilitarista, enquanto na linguagem científica ou na linguagem racional, ela tem esta finalidade utilitarista. A arte também faz parte deste lado maldito da vida, assim como o cinema e a televisão.

O riso também entra na categoria de parte maldita. Segundo o escritor que eu trabalho muito, o francês Georges Bataille, o fato de rir é como se fosse uma aproximação da morte. Rir pode ser muito angustiante. Nesses momentos então a poesia, a arte, o cinema, a televisão, as festas, as guerras também, eles estariam no que Bataille chama de momentos de soberania. Na verdade, quando ele utiliza esse conceito de soberania, ele se serve do conceito de super-humanidade de Nietzsche, onde a influência é muito forte. Também aproveito alguns outros conceitos. Trabalho muito a

questão da troca simbólica, onde eu utilizo muito os trabalhos de Marcel Mass, um dos fundadores da Escola Francesa de Sociologia e sobrinho de Emile Durkheim.

A mídia tem uma boa parte maldita. O lado escuro da mídia é até maior do que a gente imagina. Atrás das luzes, nos bastidores dos programas, que é um símbolo, uma imagem que eu estou utilizando. Nos bastidores das políticas jornalísticas ou midiáticas também devem acontecer coisas bem interessantes. Alguns têm acesso a isso, outros não.

Falar da mídia e do seu papel dentro da sociedade é um debate muito interessante e revelador. Como a sociedade é, se vê e como age. É como se a mídia fosse um espelho social. Então, se existe parte maldita, a mídia é essa parte maldita na sociedade. Esse lado escuro na sociedade e também porque essa parte maldita está na vida social. Mas é difícil saber quem está influenciando quem. Será que são as idéias que estão fazendo a vida social ou será que as condições materiais que estão permitindo o desenvolvimento das idéias? Guy Debord já falava sobre isso em *A Sociedade do Espetáculo*, mas acabou se suicidando, achando que a realidade tinha acabado, que tudo era artificial, virtual, cheio de signos, de símbolos. Um objeto não é mais consumido pela sua utilidade, mas pelo que representa ser •

Nota

* Entrevista concedida a Patrícia Wittenberg, jornalista, aluna especial do Curso de Pós- Graduação da FAMECOS, PUCRS.